

AMAZÔNIA Presidente do Ibama afirma que assentamentos desmatam a região; ministro Jungmann nega versão

# Governo diverge sobre ação de sem-terra



O presidente do Ibama, Eduardo Martins, para quem sem-terra assentados são um dos principais responsáveis pelo desmatamento da Amazônia

ABNOR GONDIM  
da Sucursal de Brasília

Os pequenos agricultores, inclusive os sem-terra assentados pelo governo, são hoje os principais responsáveis pelo desmatamento na Amazônia. A afirmação é de Eduardo Martins, presidente do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis).

Em entrevista à Folha, ele afirmou que as entidades defensoras do meio ambiente têm dificuldades para reconhecer o crescimento da participação dos pequenos proprietários na devastação regional.

"Parece que não é politicamente correto considerar os pequenos como responsáveis pelo desmatamento, mas isso é uma realidade que nós temos de enfrentar", disse.

Já o ministro Raul Jungmann (Política Fundiária) apontou que os principais responsáveis pelo desmatamento na região são os grandes pecuaristas, os garimpos e as madeiras (leia texto abaixo).

Jungmann procurou minimizar a contribuição dos sem-terra ao desmatamento, destacada por reportagem da Folha, publicada no domingo passado. Ele presidia o Ibama antes de assumir o ministério, em abril de 96.

"No governo, precisamos convergir", disse Martins, sem pretender polemizar com o ministro Jungmann.

Por isso, ele defende que os pequenos agricultores e os assentados da reforma agrária sejam reorientados para atuar em áreas já desmatadas. Em dez anos, ele prevê que poderá haver proibição dos desmatamentos na Amazônia.

Para ele, a chamada "moratória ambiental" não deve ser determinada agora, como quer o deputado Gilney Viana (PT-MT).

Viana é o autor de relatório sobre desmatamento na Amazônia, que aponta o aumento da contribuição dos sem-terra ao desmatamento na Amazônia.

Na entrevista, o presidente do Ibama disse que suas análises estão baseadas em pesquisa realizada por uma entidade ambientalista, o Ipam (instituto privado que desenvolve pesquisas na região).

A pesquisa estima que os pequenos proprietários foram responsáveis por 40% dos desmatamentos verificados em 94 e 95. Os médios e grandes proprietários contribuíram, respectivamente, com 34% e 26% da área desmatada.

A seguir trechos da entrevista do presidente do Ibama:

**Folha - Quantos hectares na Amazônia estão invadidos por sem-terra?**

**Eduardo Martins -** Levantamento feito pelas superintendências do Ibama apontam que existem hoje invasões de sem-terra na Amazônia pretendendo 1,25 milhão de hectares de florestas (quase oito vezes a cidade de São Paulo). Isso não quer dizer que são áreas destruídas. São áreas pretendidas pelo movimento.

**Folha - Quantas dessas áreas pretendidas por sem-terra estão ameaçadas de desmatamento?**

**Martins -** Essas áreas são áreas dependentes de desmatamento e dependentes de queimadas.

**Folha - Por quê?**

**Martins -** O pequeno agricultor não tem a máquina e não tem o insumo. Ele produz alimentos para a sua subsistência e vende o excedente. Essa agricultura, que alimenta as cidades da Amazônia, está baseada nos nutrientes que existem no solo da floresta e nos nutrientes que ele consegue transferir da floresta para o solo, com as queimadas. Por isso, ele só usa uma área para plantio por dois ou três anos. Tem de queimar novo pedaço da floresta. Hoje, esse processo de muitos pequenos, relacionado com a miséria e com a pobreza, tem sido a maior contribuição ao desmatamento na região.

**Folha - Depois dos pecuaristas, os sem-terra passaram agora a ser os novos vilões do desmatamento da Amazônia?**

**Martins -** Não sei se é questão dos sem-terra nem acho que eles devem ser colocados como vilões. Eu acho que a questão é assumir que isso é um problema social, que tem consequências ambientais. Se a gente quer revolver as questões ambiental e social, isso tem de ser equacionado em conjunto.

**Folha - Quais são os dados que apontam o aumento da participação dos pequenos agricultores e**

**dos sem-terra assentados no desmatamento da Amazônia?**

**Martins -** O nosso raciocínio parte do seguinte: ninguém desmata se não tiver alguma expectativa de ganho. Está muito claro, para nós, que a atividade madeireira tem financiado o desmatamento na Amazônia. O problema é mais grave porque essa atividade procura atender principalmente o mercado interno. O Brasil consome 30 milhões de m<sup>3</sup> de madeira em toras por ano, principalmente no Centro-Sul. O mercado externo é responsável por 3 milhões de m<sup>3</sup>.

Aumentou a atividade da construção civil e a classe média financia o desmatamento. Você não encontra em qualquer madeira do país madeira que não seja da Amazônia. Isso é alimentado pela cultura de subsistência, que o pequeno precisa para se alimentar. Porque, se não desmatar e queimar, ele vai morrer de fome.

Outro motivo para o desmatamento é o aumento do consumo de alimentos na própria região, que se urbaniza. Há estudos sérios que indicam que a maior quantidade de desmatamento é feita pelos pequenos para produzir alimentos e vender madeira.

**Folha - O que o Ibama pode fazer para evitar o desmatamento que os pequenos agricultores podem provocar na Amazônia?**

**Martins -** O Ibama vai ter de encontrar um novo caminho com os demais setores do governo. Não dá para ignorar o movimento social. A alternativa que o movimento social tem encontrado é fazer com que essas pessoas sejam assentadas como produtores rurais.

Seria muito difícil orientar essas pessoas a ocupar áreas já desmatadas. Porque, num curto prazo, o investimento que seria necessário, do ponto de vista de insumos e de equipamentos, é muito alto. O assentamento mais fácil de fazer hoje é o assentamento que está baseado no que as pessoas sempre fizeram, que é pegar área florestal, desmatar, derrubar e queimar. Por isso, dentro de dez anos, deve haver moratória dos desmatamentos.

**Folha - Como seria esse novo caminho?**

**Martins -** O importante é haver um processo de transição em que essas pessoas tenham condições de ocupar áreas desmatadas e abandonadas. São mais de 18 milhões de hectares na Amazônia.

**Folha - O ministro Raul Jungmann afirmou que o governo não tem feito assentamentos em áreas de florestas fechadas até porque os sem-terra não querem áreas distantes e inacessíveis. O que o sr. acha disso?**

**Martins -** Eu acho que essas áreas normalmente têm alguma infraestrutura de acesso e de estradas. Oferecem duas vantagens a essa parcela envolvida no problema social da Amazônia.

Uma envolve a possibilidade de algum ganho, a curtíssimo prazo, com a venda da madeira. Os chamados toreiros (compradores de toras de madeira) colhem as toras em vários lugares e as levam para as serrarias. Essa é a principal fonte de abastecimento de madeira para o mercado interno.

**Folha - Mas o Ibama não é responsável pela fiscalização?**

**Martins -** A atividade madeireira tem um alto grau de informalidade. Este ano conseguimos avançar. A apreensão de madeira aumentou cinco vezes. No próximo ano, vamos fazer esforço para aumentar ainda mais, inclusive atacando as madeiras que não comprovam a origem da madeira.

A outra vantagem para os pequenos agricultores é poder queimar a floresta para transferir seus nutrientes para o solo. Esse foi o procedimento do processo de ocupação da Amazônia durante muito tempo. Só que hoje esse problema está mais ligado ao problema social do que propriamente ao incentivo fiscal ou à grande propriedade, como ocorreu no passado. O grande proprietário não tem mais dinheiro para financiar desmatamento nem os incentivos fiscais do governo podem ser usados para isso. Desmatar ficou muito caro.

**Folha - Como comprovar o aumento da participação do pequeno no desmatamento?**

**Martins -** Nós iremos ter um quadro mais claro disso em breve, quando o Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) divulgar o desmatamento na Amazônia deste ano, com classes de tamanho de desmatamento.

## POLÍTICA FUNDIÁRIA

Lula Marques - 20.out.97 /Folha Imagem



Raul Jungmann, que aponta as fazendas de gado, as madeiras e o garimpo como responsáveis pelo desmatamento na Amazônia

# Jungmann contesta desmatamento

Ministro afirma que 90% das desapropriações na Amazônia são de áreas já devastadas

da Sucursal de Brasília

O ministro Raul Jungmann (Política Fundiária) divulgou dados contestando estimativas do deputado Gilney Viana (PT-MT) de que a reforma agrária do governo Fernando Henrique Cardoso está desmatando na Amazônia uma área equivalente ao Estado de Alagoas.

"Não se desapropria áreas de floresta fechada, quase 90% das áreas desapropriadas são fazendas já desmatadas, e jamais o movimento ambientalista internacional atribuiu a reforma agrária o papel de vilão do meio ambiente", disse o ministro.

Em reportagem publicada pela Folha no domingo passado, o deputado afirmou que os assentamentos rurais criados na Amazônia Legal, de 95 a 97, ocupam 5,5 milhões de hectares e estão provocando o desaparecimento de 2,75 milhões de hectares de floresta.

Levantamento encomendado pelo ministro aponta que o atual governo ainda não desapropriou

5 milhões de hectares. Por isso, essa marca não poderia ter sido ainda superada pelos assentamentos criados na Amazônia Legal (AC, AM, AP, MA, MT, PA, RR, RO e TO).

Para o ministro, "as grandes fontes de desmatamento na Amazônia são as grandes fazendas de gado, as madeiras e o garimpo".

De acordo com o levantamento, a área desapropriada pelo governo FHC para efeito de reforma agrária abrange 4,9 milhões de hectares.

Desse total, foram desapropriados na Amazônia Legal apenas 2,5 milhões de hectares —cerca de 51% da área desapropriada em todo o país no atual governo.

No relatório do deputado à comissão especial criada na Câmara para avaliar o desmatamento na Amazônia, consta que 76,15% da área dos assentamentos agrários do governo FHC foram implantados na Amazônia Legal, abrigando 64,34% das famílias beneficiadas pelo programa.

O levantamento encaminhado por Jungmann aponta que as famílias assentadas na Amazônia correspondem a 55% do total realizado no país durante o atual governo.

Na Amazônia Legal, a reforma agrária beneficiou cerca de 103 mil das 186 mil famílias assentadas desde 95.

### Ibame

Jungmann disse que estudo desenvolvido pelo Ibame (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) afirma que a agricultura é responsável por 4% da devastação ambiental. Essa entidade foi criada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, morto em agosto último.

O ministro contestou também a informação divulgada pelo deputado de que 25,54 milhões de hectares foram destinados à reforma agrária desde o começo do regime militar, em 1964.

Esse número foi usado pelo deputado para estimar que 30% dos 40 milhões de hectares desmatados na Amazônia estão rela-

cionados com os assentamentos de reforma agrária.

Para estimar a área devastada pela reforma agrária, Viana se baseou no índice de 50% de desmatamento que a legislação florestal permite para projetos agrícolas.

### Cerrado

Na condição de ex-presidente do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), Jungmann afirmou que a Amazônia Legal não é inteiramente coberta por florestas.

Disse que há no Mato Grosso, por exemplo, extensas áreas de cerrado. Nessa situação, segundo ele, encontra-se o assentamento Eldorado 1, onde fotos de satélites captadas em junho de 93 e em julho de 95 mostram que os 34,04 mil hectares de floresta fechada praticamente desapareceram.

"Nesse assentamento estão apenas 395 famílias. Isso só poderia acontecer se os assentados tivessem virado cupins-gigantes para desmatar quase tudo em dois anos", disse Jungmann.